

UM HOTEL EM TEMPOS DE PANDEMIA

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

O conto é um texto breve que apresenta os elementos básicos de uma narrativa como enredo, narrador, tempo, espaço e personagens, mas com grande liberdade para adaptações e reinvenções. Assim como nos outros gêneros narrativos, nos contos, a forma e o conteúdo são complementares e quase interdependentes. Por isso, as escolhas de linguagem e estrutura devem ser cautelosas e sempre coerentes com a história que se pretende narrar. Quanto mais precisas forem as imagens e sensações transmitidas ao leitor, melhor será o conto. Por fim, quanto mais intencionais forem as omissões ou exposições de elementos na narrativa, mais envolvente ela será.

Confira algumas dessas características nos textos a seguir.

TEXTO 1

A presença

Quando entrou pela alameda de pedregulhos e parou o carro defronte ao hotel, o casal de velhos que passeava pelo gramado afastou-se rapidamente e ficou espiando de longe. O velho porteiro que o atendeu no balcão de recepção também teve um movimento de recuo. Ele pousou a mala no chão e pediu um apartamento. Por quanto tempo? Não estava bem certo, talvez uns vinte dias. Ou mais. O porteiro examinou-o da cabeça aos pés. Forçou o sorriso paternal, disfarçando o espanto com uma cordialidade exagerada. Mas o jovem queria um apartamento? Ali, naquele hotel?! Mas era um hotel só de velhos, quase todos moradores fixos antiquíssimos, que graça um hotel desses podia ter para um jovem? Depois das nove da noite, silêncio absoluto, porque todos dormiam cedíssimo. E a comida tão insípida, sem gordura, sem sal, com pratos sem nenhuma imaginação dentro de dietas rigorosas – pois não eram todos velhos? E os velhos têm problemas de saúde, tantas doenças reais e imaginárias, artrite, bronquite crônica, asma, pressão alta, flebite, enfisema pulmonar... Sem falar nas doenças mais dramáticas. Ocioso enumerar tudo. A própria velhice já era uma doença. Um jovem assim saudável passar suas férias num hotel tão frio quanto um hospital?!... Nos hospitais ao menos havia uma esperança, a de os pacientes saírem curados, mas a doença da velhice era sem cura e com a agravante de piorar com o tempo. Injusto oferecer-lhe esse quadro de decadência que apesar de mascarada (os hóspedes pertenciam à burguesia) era por demais deprimente.

O prazer com que a juventude se vê refletida num espelho! Mas a velhice ali concentrada chegava a ser tão cruel que os espelhos acabaram por ser afastados. Na última reforma, foram removidos os espelhos que apresentavam sinais mais acentuados de decomposição

nas manchas porosas e bordas amarelcidas, contraídas sob o cristal como um fino papel queimando brandamente. Com esses, foram levados também os espelhos maiores, da sala de refeições e que ainda estavam em bom estado. A substituição nunca foi providenciada e nem se voltou a falar no assunto, mas seria mesmo preciso? [...]

Um hotel-mausoléu. Que jovem podia se sentir bem num hotel assim? Se ele prosseguisse pela mesma estrada por onde viera, alguns quilômetros adiante encontraria um hotel excelente, tinha várias setas indicando o caminho, ficava num bosque bastante aprazível. E pelo que ouvira contar o ambiente era alegre. Jovial.

Ele tirou os documentos do bolso da jaqueta de couro e colocou-os no mármore do balcão: queria um apartamento nesse hotel e só não insistiria se o regulamento tivesse uma cláusula que proibisse um jovem de vinte e cinco anos de hospedar-se ali. [...]

Quando entrou no apartamento seguido pelo empregado com seu molho de chaves, aspirou com uma expressão de prazer o esmaecido perfume que parecia vir dos móveis antiquados, lavanda? E perguntou, enquanto abria a mala, se por ali não havia fantasmas, sempre sonhara com um hotel de fantasmas. Os fantasmas somos nós, respondeu-lhe o velho, e ele riu alto. Tirou a garrafa de uísque da mala. Ligou o rádio.

Quando subiu ao trampolim, notou um vulto que espiava através da cortina rendada de uma das janelas. Baixou o olhar divertido para a água de um verde profundo, onde as folhas boiavam num ondulado calmo. Abriu os braços. Saltou. Enquanto nadava de costas, entreviu uma cabeça branca na fresta de uma janela do primeiro andar. Logo apareceu outra cabeça (de homem?) que ficou um pouco atrás, na sombra. Chegou-lhe vagamente o fiapo triturado de uma discussão antes que a janela se fechasse com força. Ele deitou-se no banco de pedra e ali ficou de braços pendentes, a tanga vermelha escorrendo água, os olhos cerrados. Passou cariciosamente as pontas dos dedos no peito onde os pelos dourados de sol já começavam a secar. Riu silenciosamente enquanto apanhava o copo que deixara no chão: seus movimentos se fragmentavam em câmara lenta, calculados.

No jantar, antes mesmo de provar a comida, despejou o sal, o molho inglês, a pimenta e bateu palmas vigorosas para os três velhos músicos – um pianista, um violinista e o careca do rabecão – que tocaram antigas peças que alguns hóspedes (poucos desceram para o jantar) ouviram imperturbáveis. Achou um certo amargor na goiabada com queijo.

Ao se deitar, depois de ter tomado o chá servido às vinte e uma horas, ele já não se sentia bem.

Lygia Fagundes Telles. "A presença". In: Seminário dos ratos. Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/senc>>. Acesso em: 4 fev. 2021.

TEXTO 2

A máscara

No começo, Lizandra ia com a irmã para uma esquina movimentada no Morumbi, a irmã abria o porta-malas do carro, penduravam uma plaquinha, “máscara R\$ 8”, e esperavam. Tinham modelos estampados e lisos, todos de pano, feitos a partir de roupas velhas e tecidos baratos. Quem as costurava era a mãe delas. Lizandra estava com trinta anos, não trabalhava, e a irmã tinha perdido o emprego pouco tempo antes.

“Já pode mergulhar na represa?”, Lizandra perguntava, todos os dias, enquanto aguardava sentada no para-choque do automóvel. Paciente, ou tentando esconder a impaciência, a irmã respondia que por enquanto não, que logo iriam mergulhar. Em Guarapiranga, onde costumavam passar alguns sábados na infância, a mais velha sempre fingia ser a salva-vidas e Liz, era esse seu apelido na família, a que precisava de socorro. Uma vez quase se afogou de verdade, mas a outra a tirou de lá, gritando pelos pais; talvez não se lembre de que, em meio aos gritos, a irmã usou a palavra proibida. “Essa retardada quase se afogou”, disse, “essa retardada”, enquanto a mãe dava tapinhas na bochecha de Liz e perguntava se estava tudo bem.

Venderam uma média de quinze máscaras por dia no primeiro mês. Na hora da transação, Lizandra apertava aspray com álcool na máscara diante do cliente e a irmã entregava o produto. Um dia, ela pegou uma nova para si e em dado momento baixou a máscara no pescoço para acender um cigarro. O isqueiro encostou na superfície ainda úmida de álcool, que logo se inflamou, a chama percorreu sua orelha até chegar ao cabelo e ela gritou alto, e enquanto berrava olhava para a irmã, esperando que ela dissesse aquela palavra, porque merecia, porque deveria ter previsto, mas de início a outra ficou muda, demorou um minuto inteiro até pensar em pegar o pano que cobria o banco do motorista e bater, bater, bater até o fogo se extinguir.

Depois a longa fila no hospital, as duas sentadas na recepção sem dizer nada, a irmã encarava o chão e Lizandra a irmã, esperando, os curativos, a voz dos médicos e enfermeiros abafada pelas máscaras, um tumulto de vozes. Conserva ainda hoje a marca da queimadura no pescoço – e ninguém tem coragem de perguntar se por capricho ou por descuido quase nunca esconde aquilo com as roupas que veste.

Miguel Del Castillo. Disponível em: <<https://migueldelcastillo.org/>>.

Acesso em: 4 fev. 2021.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Após a leitura dos contos, responda às questões a seguir:



1. No texto 1, quais elementos básicos da estrutura narrativa são apresentados de forma detalhada?
2. No texto 2, não há um grande enfoque na descrição de ambientes ou das personagens. Nesse caso, qual é o principal elemento do conto?
3. Ainda no texto 2, o começo, meio e fim são claros?

Após conhecer melhor o gênero, é a sua vez de escrever uma narrativa breve. Inspire-se nos textos da coletânea e escreva um conto ambientado em um hotel em tempos de pandemia. Lembre-se de incluir na sua produção os elementos básicos de uma narrativa.

Para organizar-se melhor, siga as recomendações:

- Organize o texto em começo, meio e fim.
- Empregue a norma-padrão da língua, recorrendo à informalidade quando necessário.
- Descreva em detalhes como é o hotel, as características físicas e psicológicas das personagens e os motivos que as levaram até esse local. Retratar, também, como o contexto de pandemia se encaixa nessa história.
- Inclua, no mínimo, três personagens, criando diálogos entre elas.
- Dê um título ao conto.

Avalie sua produção antes de passá-la a limpo, utilizando a grade a seguir.

	Avaliação	
		
<input type="checkbox"/> O conto inclui os elementos básicos de uma narrativa?		
<input type="checkbox"/> A história está de acordo com a proposta?		
<input type="checkbox"/> O texto possui começo, meio e fim?		
<input type="checkbox"/> A linguagem está adequada ao enredo criado?		
<input type="checkbox"/> O conto apresenta, no mínimo, três personagens e diálogos entre elas?		
<input type="checkbox"/> O texto possui título?		

Reescreva seu conto caso seja necessário e, então, combine com o professor a melhor forma de entregá-lo. Depois, compartilhe o resultado com os colegas e conheça os textos escritos por eles.

Boa produção!
Professora Andressa Tiossi